

Igreja Metodista em Itaberaba | Congregação em Santana de Parnaíba

“Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre”

19 / NOVEMBRO / 2023

PASTORAL



A fé cristã não é uma crença cega (“A Incredulidade de Tomé”, por Matthias Stom, 1630)

A diferença entre fé e crença

“Que ninguém engane, todavia, sua própria alma. Deve-se notar cuidadosamente que a fé que não traz arrependimento, amor e todas as boas obras não é aquela fé certa e viva, mas uma fé morta e diabólica. Porque mesmo os demônios creem que Cristo nasceu de uma virgem, que operou várias espécies de milagre, declarando-se verdadeiro Deus; que, para nosso bem, sofreu a morte mais penosa, redimindo-nos da morte eterna; que ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e está assentado à mão direita do Pai, vindo no fim do mundo para julgar os vivos e os mortos. Estes artigos de nossa fé os demônios os recebem e creem em tudo quanto está escrito no Velho e no Novo Testamento. E, com toda essa fé, eles não deixam de ser demônios. Permanecem ainda em sua condição de perdidos, faltando-lhes justamente a verdadeira fé cristã.”

John Wesley, em seu Sermão nº 2: *Os Quase Cristãos*, proferido em 1741, na Universidade de Oxford, no Reino Unido

De acordo com alguns dos principais dicionários brasileiros da língua portuguesa:

Fé *s.f.* 1. no catolicismo, a primeira das três virtudes teologais; 2. confiança absoluta (em alguém ou em algo); crédito (um homem digno de fé); 3. asseveração, afirmação, comprovação de algum fato [...]. **Dar por fé**. 1. afirmar como verdade. **Dar fé de**. testificar, dar por fé. **Fazer fé**. 1. ser digno de crédito; 2. prestar testemunho autêntico. **Levar fé** (uso informal). acreditar em (alguém ou algo).

"Meu justo viverá pela fé; mas, se voltar atrás, não me alegrará" (Hb 10:38). Nós não perecemos por voltar atrás, mas salvaremos a vida pela fé. Fé é a consistência do que se espera, e a prova do que não se vê (cf. Hb 11).

Ainda conforme os mesmos dicionários:

Crer *v. t.i.* 1. tomar por verdadeiro; acreditar; 2. ter confiança; 3. presumir(-se), imaginar(-se), julgar(-se). **Crença** *s.f.* 1. fato de acreditar-se numa coisa ou uma pessoa; 2. a coisa ou a pessoa em que se acredita; 3. religião; 4. convicção profunda.

Inicialmente, muitos descrevem a fé como simples dado ou argumento teológico. Contudo, para o psicólogo clínico e professor Josias Pereira, a fé também é um fenômeno psicológico: "Independente de qualquer conceito teológico, psicológico ou filosófico, as pessoas creem e manifestam a fé das mais variadas formas. Muitas influenciadas pelo meio, especialmente seu próprio meio ambiente, a demonstram de forma estereotipada, e o fazem em função do aprendizado e das imposições dos grupos aos quais pertencem. Isso tende a levar os menos informados a admitir que existe uniformidade na fé de certos grupos, religiosos ou não. Entretanto, observações mais cuidadosas, nas quais os aspectos individuais e pessoais são considerados, mostram-nos outra realidade: a fé é um fenômeno estritamente individual; é a fé exclusiva daquela determinada pessoa. Cada pessoa crê segundo a sua fé".

É, portanto, um fenômeno psicológico. Cada pessoa é o que é e crê segundo sua maneira de ser. O que é, certamente, confirmado pelo notório saber científico de que não há no universo sequer duas pessoas idênticas, e que tal diferença é real e efetiva em todos os aspectos da existência humana. Portanto, a visão holística e existencialista indica que ninguém pensa ou age da mesma forma. Todos os seres humanos são iguais enquanto seres essenciais, mas muito diferentes entre si, enquanto indivíduos. Como a fé é a manifestação do sentimento daquele que crê, ela é a manifestação do sentimento daquela pessoa exatamente como ela é: é a sua fé.

Do mesmo verbo "crer", originam-se dois substantivos que representam ações totalmente opostas: crença e fé. Porém, quando quero usar uma forma verbal para expressar a minha fé, tenho de usar "crer", a não ser que escolha uma fórmula ainda menos adequada: "ter fé".

A crença provê respostas a nossas perguntas; a fé nunca o faz. Quando cremos, é para encontrar segurança, solução, uma resposta para os nossos questionamentos. As pessoas creem para desenvolver para si mesmas um sistema de crenças. A fé (a fé bíblica) é completamente diferente. O propósito da revelação é fazer com que ouçamos as perguntas, e não para nos suprimos com explicações. Sendo, portanto, a fé um fenômeno psicológico e pertencendo à categoria de valores sentimentais, para sua efetivação, carece de reflexões racionais. Sem fé o homem se torna irracional e sem razão ele não pode ter fé. Pois fé sem razão não passa de credence.

A distinção mais útil que encontrei nesta caminhada foi a que estabeleceu o teólogo e filósofo francês Jacques Ellul entre fé e crença: crença é aquilo que professamos acreditar; é conteúdo doutrinário peculiar à nossa facção religiosa, expresso com palavras muito bem escolhidas em nossas declarações de fé. Não há, por outro lado, um conjunto de palavras suficiente para definir adequadamente a fé. Nossas crenças são passíveis de exposição, mas nossa fé é uma questão pessoal – seu conteúdo é um mistério tremendo, a tensão superficial entre o eu e o universo, entre o eu e o desconhecido, entre o eu e o futuro, entre o eu e a morte, entre o eu e o outro e entre o eu e Deus, pois a própria "crença pode ser um obstáculo à fé, porque só satisfaz nossa necessidade de religião".

Nossa fé deve ir além do acreditar e focar-se no transcender. A fé nos deixa a sós com um Deus insondável; ela nos convida a um grau de liberdade que podemos não querer experimentar. A fé quer tirar-nos da zona de conforto da crença e levar-nos para as regiões mais profundas do nosso ser, aonde os outros não querem ir. A fé pressupõe a dúvida, enquanto a crença exclui a dúvida. A crença explica sensatamente aquilo em que posso acreditar e a fé exige que eu prove.



Pastor Israel A. Rocha

"Não é a quantidade da sua fé que salvará você. Uma gota de água é tão verdadeira água quanto o oceano inteiro."

C. H. Spurgeon, pregador batista britânico (1834-1892)



REFLEXÃO

Viva a República!

Em 15 de novembro de 1889, o sol se pôs republicano no céu do Brasil. Após um longo percurso marcado de ideias e sangue, que nos lembram, entre tantos outros, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792), e Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca (1779-1825), o Brasil adotava uma forma de governo que abandonava ao passado o poder monárquico. Antes exercido com base na vitaliciedade e irresponsabilidade, posto que os atos do monarca não podiam ser questionados e o exercício de sua autoridade não implicava prestação de contas, agora uma nova bandeira pende no alto do mastro, ostentando os ideais da República: o poder pertence ao povo e em seu nome deve ser exercido.

Desde o dia em que o Brasil amanheceu republicano, há 134 anos, estamos construindo uma sociedade cujo governo se fundamenta em três pilares. O primeiro é o da eletividade, visto que o poder emana da comunidade que constitui o Estado. O voto é direito inalienável. Todo governante deve fazer por merecê-lo e toda sociedade tem igual direito de tomá-lo de volta aos que dele se valem para atos que traem suas finalidades. O segundo pilar é o da temporariedade, posto que ninguém se perpetua no poder já que este não é vitalício. A riqueza de uma sociedade será tanto maior quanto mais possibilidades oferecer às expressões de sua pluralidade. E, por último, o pilar da responsabilidade, pois o cuidado da república (do latim *res publica*, isto é, "coisa pública"), exercido em nome do povo, exige do governante que preste contas aos verdadeiros proprietários daquilo que está sob sua administração, posto que a sociedade tem o direito de tomar de volta os

cargos daqueles que deles se valem para atos que traem suas finalidades, sendo a alternância de poder numa democracia consistente o melhor caminho para a reparação dos equívocos históricos.

Mais do que um governo ou um Estado, somos uma nação. Estamos irmanados por laços afetivos que nos vinculam à nossa cultura, valores, tradições e ideias, antes e além de qualquer organização ou representação política. Nosso Estado une nosso povo em nossa terra-território sob um mesmo ordenamento jurídico que nos compromete com um contrato social de direitos e deveres. Escolhemos nosso governo, isto é, designamos a estrutura do nosso Estado com o propósito de nos conduzir aos fins em conformidade com nossa Constituição, a Carta Magna. O governo que desrespeita a Constituição subverte o Estado e trai a nação, perdendo assim sua legitimidade e autoridade.

A nação é maior do que o Estado, que por sua vez é maior do que seu governo. Por exemplo, a nação brasileira é predominantemente cristã, mas o Estado é laico e o governo é responsável por resguardar o contrato celebrado pela nação que o constituiu.

A República, notadamente em sua declaração essencial de que "todo poder emana do povo e em seu nome é exercido", favorece a defesa e promoção dos plenos direitos de todos os cidadãos: governantes eleitos pelo voto direto, para servir ao povo de maneira honesta, transparente e responsável, num Estado laico, rico por sua pluralidade, sem discriminação de raça, gênero, classe social ou crença religiosa, onde o esforço coletivo visa sempre o bem comum.

O Brasil, entretanto, desde sempre confirmou o ditado que diz que na prática a teoria é outra. A República como forma de governo que deveria resguardar os direitos do povo brasileiro sofre desde seus primeiros dias os mesmos atentados que até hoje ocupam as primeiras páginas dos nossos jornais.

O trecho do discurso de Rui Barbosa (1849-1923), cujo primeiro parágrafo é bem conhecido, em sua sequência poderia muito bem ter sido escrito hoje:

"De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto. (...) Essa foi a obra da República nos últimos anos. No outro regime, o homem que tinha certa nódoa em sua vida era um homem perdido para todo o sempre — as carreiras políticas lhe estavam fechadas.

Havia uma sentinela vigilante, de cuja severidade todos se temiam a que, acesa no alto, guardava a redondeza, como um farol que não se apaga, em proveito da honra, da justiça e da moralidade gerais.

Na República os tarados são os taludos. Na República todos os grupos se alhearam do movimento dos partidos, da ação dos governos, da prática das instituições. Contentamo-nos, hoje, com as fórmulas e aparências, porque estas mesmas vão se dissipando pouco a pouco, delas quase nada nos restando.

Apenas temos os nomes, apenas temos a reminiscência, apenas temos a fantasmagoria de uma coisa que existiu, de uma coisa que se deseja ver reerguida, mas que, na realidade, se foi inteiramente.

E nessa destruição geral de nossas instituições, a maior de todas as ruínas, senhores, é a ruína da justiça, colaborada pela ação dos homens públicos, pelo interesse dos nossos partidos, pela influência constante dos nossos governos. E nesse esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de punição quando se aponta um crime que envolve um nome poderoso, apontado, indicado, que todos conhecem”.

Vergonhosamente, nós que somos incluídos na igreja evangélica brasileira não escapamos dessa pesada palavra profética do Águia de Haia. Carregamos na boca um gosto amargo por ver a identidade evangélica, pleiteada pela chamada “bancada da Bíblia”, que cede à lógica imoral do fisiologismo e ao alinhamento conveniente com espúrios interesses partidários, associada ao que de mais pernicioso existe no atual Congresso Nacional.

Todo grupo que, sendo parte, pretende ser tomado pelo todo, visando obter o poder hegemônico, impondo seus valores e sua agenda à sociedade, trai os ideais da república e da democracia. Isso é verdadeiro em termos religiosos e político-partidários, e não menos verdadeiro para a legítima militância das chamadas minorias.

Mas convém reafirmar o que nos ensina o Evangelho. Nosso Senhor Jesus Cristo nos ordenou dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, estabelecendo a hierarquia que não carece de explicações, e culminou na perseguição e morte dos mártires cristãos que desde sempre viveram sob a máxima de que mais importa obedecer a Deus do que aos homens. Paulo, apóstolo, nos encoraja a acatar as autoridades civis legitimamente constituídas como sacerdotes de Deus, as quais detêm o sagrado encargo de promover a justiça e coibir o mal, fomentando o bem comum, e interceder por elas diante de Deus, para que, sob sua justa governança, possamos todos desfrutar de uma vida de paz e segurança.

Os ideais e valores republicanos estão, pois, arraigados na tradição judaico-cristã e na tradição do protestantismo reformado, desde a defesa da igualdade de todos os seres humanos dotados de dignidade intrínseca pelo fato de terem sido criados segundo a imagem e semelhança de Deus; a realidade de que todos os recursos naturais são não apenas criação, mas também doação de Deus para toda a humanidade; a consciência de que todo ser humano tem vocação para o protagonismo de sua própria história, e a conseqüente responsabilidade por administrar todos os recursos sob seus cuidados como dádivas concedidas por Deus para o bem comum; a autoridade civil como serva-sacerdote de Deus para promover a justiça e a paz.

Os ideais da República vêm sendo traídos desde tempos remotos. Ainda assim preferimos afirmar a opção por um Brasil republicano e democrático. O povo evangélico desta nação brasileira tem motivos históricos e teóricos, filosóficos, bíblicos e teológicos para ansiar, preservar e lutar por um Brasil democrático e republicano.



Viva a República!

Viva a República Federativa do Brasil!

Por Ed René Kivitz, pastor da
Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo

"A República não precisa de fazer-se terrível, mas de ser amável; não deve perseguir, mas conciliar; não carece de vingar-se, mas de esquecer; não tem que se coser na pele das antigas reações, mas que alargar e consolidar a liberdade."

Ruy Barbosa, jurista, diplomata e político baiano (1849-1923)

Avisos

O Retiro de Casais já chegou!

Retiro de Casais
Igreja Metodista em Itaberaba
"Vivendo a Suficiência no Casamento"

De 24 a 26 de novembro de 2023
Hotel Pirâmides - Jarinu

Valor do investimento
R\$ 1.500,00 - pagamento
parcelado até 15 de novembro.

Informações com Eduarda
99618-8023 - Canal 99260-4399
ou no WhatsApp 96279-2673 - e-mail
Canal.Lideres@cmi.org.br

WELBYTON
Pastor Denílson
99260-4399

Com o tema "Vivendo a Suficiência no Casamento", o Ministério de Casais da nossa igreja está promovendo o Retiro de Casais de 2023, que se realizará entre a próxima sexta-feira (24/11) e o próximo domingo (26/11), no Hotel-Fazenda Pirâmides, em Jarinu (SP), cidade na região de Atibaia. O preletor será o Pr. Denílson Gomes da Silva, da Igreja Metodista em Santo Amaro, São Paulo (SP). Que Deus proporcione a cada casal participante desse encontro um tempo

de muito amor e parceria, muita reflexão e grandes alegrias.

Participe do Concílio Local, em 3/12

Todos os membros da Igreja Metodista em Itaberaba estão convocados para o Concílio Local, que será realizado no dia **3 de dezembro, às 9h00**. Os assuntos em pauta serão: a) Aprovação da ata do Concílio anterior; b) Relatório pastoral; c) Orçamento e planejamento para 2024. Em razão do concílio, não haverá a Escola Dominical nessa data.

Aniversariantes da semana

20/11 Rosiley Flausino Dias de Oliveira e
Wilson Mandatti;

21/11 Angélica de Lima Santos do Nascimento;

23/11 Domitila Ladeia Gomes;

25/11 Ana Paula Neves do Prado Barbosa.



Orai sem cessar!

Apresentemos a Deus os nomes de irmãos e irmãs que passam por enfermidades e problemas diversos. Oremos:

- Pela saúde e pela vida da d. Alda, do Antônio Vassalo (irmão do Gesué), da Cida (cunhada da Silvana), da d. Domi, da d. Dulcineia e do sr. Waldemar (pais do Emerson Oliveira), do Felipe (sobrinho da Roseli de Brito), da Gina, do Ivan (marido da Nara), do Joaquim, do Jorge (irmão da Eva), da d. Lydia Reyes (mãe da Maria José), da Maria Clara (sobrinha da Maria José), da Nurimar, da Paula (filha da d. Alda), do Paulo (esposo da Rose), do Rafael Arrais (sobrinho do sr. Manoel), da Regina (sobrinha do sr. Manoel), da Rosimeire (irmã da Roseli de Brito), do Wilmer, do Wilson (cunhado da Maria José) e do Wilson (filho da d. Maria da Penha);
- Pelos ministérios e lideranças da nossa igreja;
- Pela nossa equipe pastoral (pastores Israel, Tays e Lucas);
- Pelas missionárias Mariana Wada e Gabrielle Oliveira;
- Pelo crescimento quantitativo, espiritual e orgânico da nossa igreja;
- Pelo Bispo Marcos Garcia, da nossa Região Eclesiástica.



Para incluir pedidos de oração no **Boim**, procure o Pr. Israel Rocha (pastor.israelrocha@yahoo.com.br) ou o irmão Benjamin Gonçalves (bensergon@gmail.com), editor deste boletim.

Atividades da semana

Alimentando Vidas:	Segunda-feira, às 19h30, quinzenalmente
Tarde de Oração:	Terça-feira, às 16h00
Culto de Intercessão e Libertação:	Sexta-feira, às 20h00
Reunião de Oração:	Domingo, às 8h00
Culto Matutino:	Domingo, às 9h00
Escola Dominical:	Domingo, às 10h00
Culto Solene:	Domingo, às 19h00

Próximos responsáveis pelo fechamento da igreja após o Culto Solene aos domingos

19/11/23	Felipe Carratu - Ministério Ação Social
26/11/23	Matheus Castelo - Ministério Consolidação
3/12/23	Emerson - Ministério Administração
10/12/23	Pastores Israel e Tays
17/12/23	Beatriz Bentley - Ministério Infantil



www.metodistaitaberaba.com.br



[metodistaitaberaba](https://www.youtube.com/metodistaitaberaba)



[metodistaitaberaba](https://www.instagram.com/metodistaitaberaba)



[igrejametodista.itaberaba](https://www.facebook.com/igrejametodista.itaberaba)

BOLETIM INFORMATIVO (BOIN) DA IGREJA METODISTA EM ITABERABA

Coordenação: Pr. Israel Rocha Edição: Benjamin Gonçalves Projeto e produção gráfica: Américo Neto	Colaboradores: Pra. Tays Rocha, Pr. Lucas Gomes, Sem. Paulo Roberto Júnior, Flávia Gonçalves, Dilson Julio Silva e Andréa Paplovskis Coord. do Min. de Comunicação: Gabriel Hallgren Paviani
---	---



R. Mestras Pias Filippini, 161
São Paulo - SP - 02736-010
Tel.: 3977-0571

Pastor: Israel Rocha
Pastora: Tays Rocha

I. Metodista em Santana de Parnaíba (Congregação)

R. Canário, 41 - Santana de Parnaíba - SP

Pastor: Lucas Gomes
Seminarista: Paulo Roberto L. A. Júnior

Missão: Espalhar a santidade bíblica, testemunhando Jesus Cristo como único e suficiente Salvador, capaz de transformar vidas e realidades.

Visão: Ser reconhecida como uma igreja intercessora, que celebra e adora ao Deus vivo, com amor à Palavra, e acolhe os que se achegam e buscam a cura e a restauração do corpo, da alma e do espírito.